



***Descartes e Corneille:
Em Defesa das Paixões***

Marisa C. de O. F. Donatelli
Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo
Professora de Filosofia da Universidade
Estadual de Santa Cruz – UESC

"Il est vrai qu'il est triste;
Mais il faut que votre âme à ces frayeurs résiste(.)"

Corneille, *Polyeucte*.

I

Contenção dos desejos ao que está ao nosso alcance; desprezo à fortuna como algo que nos escapa; esforço em agir de acordo com o que julgamos ser melhor e virtude aliada ao conhecimento dos limites da natureza humana são atitudes que resultam na generosidade tal como é defendida por Descartes em seu tratado *As Paixões da Alma*. O homem generoso é aquele que não dá importância aos bens que lhe escapam: ele só se deixa medir e traça a sua avaliação por meio de bens que lhe pertencem de forma necessária. Como só um bem está ao alcance do homem, só ele servirá de parâmetro para sua avaliação: trata-se do livre-arbítrio. Assim, só lhe importarão o uso que dele se faz e a firme resolução em usá-lo.

Quatro anos antes da publicação d' *As Paixões da Alma*, encontramos numa carta a Elisabeth algumas indicações que aparecerão, posteriormente, como características do comportamento generoso¹. Nessa carta, ao abordar os requisitos necessários para bem julgar, Descartes aponta o conhecimento da verdade e o hábito de segui-lo sempre que for necessário. Mas como nossa capacidade de conhecimento não abrange todas as coisas, só nos resta restringi-la àquilo que diz respeito ao nosso uso.

Dentro desse quadro de conhecimentos aparece um que indicará, no tratado referente às paixões, uma das características do generoso. A partir do conhecimento da impossibilidade de cada um de nós subsistir sozinho, apesar de estarmos separados uns dos outros e termos interesses, muitas vezes, conflitantes, é preciso considerar que devemos colaborar para o equilíbrio de todo o conjunto, seja ele o estado, a sociedade ou a família. É aqui que se esboça o homem generoso d' *As Paixões da Alma*. Na manutenção desse equilíbrio "é preciso sempre preferir os interesses do todo, do qual participa, àqueles de sua pessoa particular"². Essa "entrega" a um bem maior que o da própria pessoa engendra um contentamento que ultrapassa toda alegria que se pode obter por meio dos sentidos: estes nos dão alegrias passageiras e

menores comparadas aos objetivos que nos movem para um bem maior, como o equilíbrio do conjunto do qual participamos³.

II

A caracterização do generoso como o homem que se desvincula da dependência dos bens, das opiniões e dos preconceitos do mundo⁴, faz com que nos lembremos dos heróis de Corneille. Ao nos aproximarmos da tragédia corneliana, vemos como seus temas identificam-se com o que é defendido no tratado cartesiano sobre as paixões⁵.

Em suas tragédias, Corneille enfatiza a resistência da alma àquilo que pode afetá-la. Ao herói corneliano, a exemplo do homem cartesiano, é vedado o abandono à paixão. A própria expressão da paixão, com toda a sua força, é afastada para não afetar a platéia, o espectador. Tanto Descartes como Corneille pincelam uma característica humana muito em voga no início do século XVII: a firmeza da alma.

A alma talvez possa ser interpretada como o personagem principal ou como o ponto de destaque da tragédia corneliana. A ação exterior é transferida para a alma humana: ela será o lugar dos verdadeiros combates⁶. Combate entre paixões que visam à posse do homem. Mas os heróis de Corneille não se deixam dominar pelas paixões. Dessa forma, eles assumem uma postura curiosa: enquanto vivem o combate, têm também o dom de contemplá-lo, de analisar e de julgar as paixões que aí participam.

A tragédia, segundo Corneille, deve provocar a catarse. Isso, porém, não significa, abandonar-se à piedade e ao terror por ela despertados. Corneille traça um outro caminho. Tudo o que provoca um envilecimento ou enfraquecimento da alma deve ser rejeitado. Dessa forma, vemos tanto a piedade como o temor serem rejeitados como pouco dignos⁷. Só é verdadeiramente dramático o que eleva a força da alma. A ausência de dor na alma e os sofrimentos que não mais provocam lágrimas só servem para revelar a grandiosa resistência perante situações extremamente difíceis. O sofrimento não deve ser mostrado em todo o seu horror: no lugar do horror, o espectador é tocado pela admiração. A firmeza dos corações será exaltada, e quanto ao espectador, nele deve ser excitada a admiração perante tal força de espírito que lhe é exibida⁸. O tema da arte dramática de Corneille é a resistência da vontade perante a dor⁹. É essa resistência, esse autodomínio que encontramos no generoso cartesiano.

III

O homem generoso não dá importância ao que ultrapassa o seu poder interno de autodeterminação. Ele determina seu valor por meio de suas ações, pela forma como usa o seu livre-arbítrio¹⁰. Nele encontramos a vontade de se propor fins legítimos e persegui-los, em detrimento de toda e qualquer dificuldade. Nessa atuação reside a verdadeira grandeza da alma.

Segundo Descartes, as almas se diferenciam pelo fato de algumas serem mais nobres e fortes. Daí, de acordo com o “bom nascimento”, *genus*¹¹, a escolha do nome “generosidade” e não magnanimidade. Os defeitos de nascença podem ser corrigidos, excitando-se a paixão e adquirindo a virtude da generosidade. Generosidade designa, assim, uma inclinação primitiva, inata da vontade: uma disposição com a qual se nasce. Mas quem são os generosos? Tanto Descartes como Corneille nos mostram que são aqueles que tendem a fazer grandes coisas; empreendem só o que são capazes de fazer; não menosprezam os outros; menosprezam os seus próprios interesses; têm piedade pela fraqueza dos que se queixam, ensinando-os a aceitar o inevitável.

É assim que vemos, n’*As Paixões da Alma*, os generosos como aqueles que “são levados a fazer grandes coisas e nada empreender de que não se sintam capazes, (...) nada estimam mais do que fazer bem aos outros homens e desprezar seu próprio interesse. Por esse motivo são sempre perfeitamente corteses, afáveis e prestativos para com todos”¹².

Mas se em Corneille, algumas vezes, o domínio da razão sobre as paixões pode ser transformado em tirania, para Descartes não basta declarar como Pauline: “*E sobre minhas paixões minha razão soberana censurou meus suspiros e dissipou minha raiva*”¹³. Não basta declarar a razão como soberana: é preciso fornecer os meios para que ela possa governar as paixões, sem se tornar tirânica como defende a tragédia cornelianiana. Na defesa do domínio sobre as paixões, a recomendação cartesiana de reger os desejos tem por fim a preservação do equilíbrio na natureza humana: a nossa vontade deve se ajustar de forma a limitar o desejo à esfera do que está ao nosso alcance. Essa limitação constitui uma forma de combater os desajustes das paixões e consiste no bom uso do livre-arbítrio, da vontade: trata-se, na verdade, da generosidade que é a autoconsciência do livre-arbítrio e o esforço em bem empregá-lo.

Enfim, para dominar as paixões, é necessário o conhecimento da natureza humana e o esforço da vontade. Esse remédio contra os excessos das paixões consiste em considerar os enganos da imaginação que fazem “*com que as razões empregadas em persuadir o objeto de sua paixão [nos] pareçam muito mais fortes do que são, e as que servem para dissuadir muito mais fracas*”¹⁴. Dessa forma, se houver necessidade de resolução imediata, a vontade deve se empenhar em seguir “*razões contrárias*

àquelas que a paixão apresenta". Caso contrário, é aconselhável aguardar o apaziguamento das paixões por meio de desvios do pensamento para outras considerações. Assim, longe de defender a supressão das paixões, dos sentimentos, Descartes propõe um uso adequado, preservando o que as paixões oferecem de bom. Somente dessa maneira poderemos usufruir de toda a "alegria e doçura da vida" que as paixões proporcionam. Fórmulas grandiosas que envolvem a tolerância às dores e a abstenção dos prazeres pouco valem ao não indicar os meios de se chegar a esse nível: afinal, elas não consideram o homem em sua totalidade, inserido em um mundo que o impele à ação.

IV

A semelhança entre o herói corneliano e o generoso cartesiano indica o conhecimento que Descartes tinha das peças de Corneille. Afinal, na Holanda, houve várias edições, empreendidas pelos Elzeviers, de algumas peças, tais como: *El Cid*, 1641 e 1644; *Horace*, em 1641, 1645 e 1647; *Cinna*, *Polyeucte* e *La Mort de Pompée*, em 1644 e 1648; *Le Menteur* e *La Suite du Menteur*, em 1645 e 1647, e *Rodogune*, em 1647¹⁵. Muitas dessas peças foram, portanto, editadas no período em que Descartes compunha o seu tratado sobre as paixões que foi publicado em 1649. A exceção fica por conta de *Nicomède* que foi publicada dois anos depois d' *As Paixões da Alma*, e que defende "a firmeza dos corações que excita a admiração na alma dos espectadores"¹⁶, como o ponto forte da tragédia. Apesar dessa aproximação, é preciso ressaltar que longe de defender um rigor imposto à alma ao estilo corneliano, de forma que a alma bela e forte se identifique, por vezes, com infeliz e inumana¹⁷, Descartes defende o controle das paixões sob dois aspectos: o seu mau uso e seus excessos. Desta forma, ele não recomenda a eliminação das paixões¹⁸, tomando-as como nocivas ao homem: ao contrário, todas são tidas como boas por natureza e podem ser úteis, desde que se sujeitem à razão¹⁹. Afinal, em carta a Newcastle²⁰, afirma que "a Filosofia que cultivo não é tão bárbara e tão cruel que rejeite o uso das paixões". Para Descartes, a negação da sensibilidade, longe de atestar uma verdadeira espiritualidade, indica uma filosofia desumana que menospreza o homem enquanto ser vivente: ser que pensa e atua envolvido pelas paixões cujo uso proporciona "toda a doçura e felicidade desta vida"²¹.

Da mesma forma, encontramos em Corneille semelhante postura: a força da alma mostra-se por meio da vontade, do exercício da liberdade. Exercício que deve ser conduzido por meio da razão; assim, pensamento e vontade dominam a tragédia corneliana, fazendo com que seus personagens, a exemplo do que recomenda o trata-

do cartesiano, atuem de acordo com o que a razão indica à vontade, num esforço constante de atingir um objetivo que os torna grandiosos, nobres²². Essa grandeza de caráter compõe o cenário perante o qual desfilam as grandes almas envolvidas em grandiosos atos, num esforço constante de superação de tudo o que se mostra como irracional, como fatalidade. É assim que nesse quadro, entram em cena não só as ações tidas como boas, mas também os maus atos: a grandiosidade está presente nos dois lados²³.

Desta forma, a exemplo do que ocorre em Descartes, Corneille dá ênfase às paixões sem jamais defender a sua supressão ou a cisão entre as que são boas ou más; afinal, a origem delas é a mesma, ou seja, as ações movidas pelas paixões são efetivadas a partir de uma escolha que envolve o discernimento. Assim, a tragédia corneliana procura mostrar as paixões e não avaliá-las com a finalidade de dar lições de moral. Se é verdade que seus personagens, muitas vezes, são munidos em suas falas de máximas morais que devem conduzir a sua vida carregados de austeridade, isso ocorre com o objetivo de apresentar o homem em determinadas situações, sem a preocupação em elaborar regras morais, sem nenhuma intenção de indicar como ele deve se comportar: uma característica das peças de Corneille, e que constitui um fator de diferenciação em sua época, é justamente essa ausência de juízo de valor em relação às paixões, a despreensão de dar “lições de moral”.

Os heróis de Corneille nunca agem de maneira inconsciente. Eles estão constantemente discutindo, argumentando a respeito de suas ações e de suas paixões: o objeto da paixão é esmiuçado pela razão, de modo a impedir qualquer atuação por impulso. Ao pintar desta maneira os seus personagens, estabelecendo uma convivência entre razão e paixão, Corneille fica muito próximo de Descartes. Afinal, tanto para o filósofo, como para o poeta, o conhecimento da natureza humana e o esforço da vontade em seguir o que a razão indica são os dois requisitos necessários para o bom uso das paixões, e caracterizam não só o comportamento do generoso cartesiano, como também o do herói corneliano.

Notas

¹ A Elisabeth, 15 septembre 1645 (AT IV, 290).

² Ibid.

³ A Elisabeth, 6 octobre 1654 (AT IV, 304).

⁴ A Christine, 20 novembre 1647 (AT V, 81).

⁵ Essa relação entre Corneille e Descartes é exemplarmente explorada em um estudo de Ernest Cassirer sobre o qual este texto está, em grande parte, baseado: *Descartes, Corneilli, Christine de Suède*.

⁶ "(...) *Et, quoique le dehors soit sans émotioun, le dedans n'est que trouble et que sédition*", afirma Pauline em *Polyeucte* (a.2, sc.2).

⁷ Corneille, *Nicomède*, a.1, sc.1.

⁸ Em Descartes, a admiração tem um caráter especial. Ela tem por objetivo o conhecimento daquilo que é admirado: é uma paixão ativa, racional. Em Corneille, o despertar da admiração distancia-se de qualquer tentativa de estímulo de instintos puramente irracionais. Cf. Cassirer, op.cit., 33-37.

⁹ Cassirer, op.cit.,36.

¹⁰ Descartes, *Les Passions de l'Âme*, art.152 (AT XI, 445)

¹¹ Em latim, *genus* significa "família", "raça"; *generosus* significa originariamente "de boa família", de "boa raça", "nobre", passando, posteriormente, a designar aquele que é nobre de espírito.

¹² Ibid., art.156 (AT XI, 447).

¹³ "*Et sur mes passions ma raison souveraine eût blémé mes soupirs, et dissipé ma haine.*" "*Ma raison, il est vrai, dompte mes sentiments; mais quelque autorité que sur eux elle ait prise, ele n'y règne pas, elle les tyrannise(...)*" Corneille, *Polyeucte*, a.2, sc.2.

¹⁴ Descartes, *Les Passions de l'âme*, art.211 (AT XI, 485)

¹⁵ AT XII, 506 (éd.1910)

¹⁶ Introdução de G. Rodis-Lewis ao tratado *Les Passions de l'âme* editado pela Vrin.

¹⁷ Em *Polyeucte*, Sévère afirma a respeito de Pauline: "*Votre belle âme est haute autant que malheureuse, mais elle est inhumaine autant que généreuse, Pauline.*" (a.4, sc.6)

¹⁸ Convém lembrar que Corneille tampouco o faz.

¹⁹ Descartes, op. cit., art. 211 (AT XI, 485-486)

²⁰ A Newcastle, mars ou avril 1648 (AT V, 135)

²¹ Ibid.

²² Como é o caso do personagem Don Rodrigue em *Cid*, por exemplo.

²³ Confira o texto acima referido de E. Cassirer e a referência, na página 26, à Cleópatra da peça *Rodogune*. Ver também Gustave Lanson, *Histoire de la littérature française*, p.438.

Referências Bibliográficas

CASSIRER, Ernest. *Descartes, Corneille, Christine de Suède*. Paris, Vrin, 1942.

CORNEILLE, Pierre. *Théâtre*. Édition collationnée sur les textes originaux Paris, Delarue, s/d. (4 v.)

DESCARTES, René. *Œuvres Complètes*. Édition Adam & Tannery . Paris, Cerf, 1897-1910. (12 v.) [AT]

_____. *Œuvres Complètes*. Édition Adam & Tannery. Paris, Vrin, 1996. (11v.)

_____. *Les Passions de l'Âme*. Introduction, notes et bibliographie G. Rodis-Lewis. Paris, Vrin, 1955.

LANSON, Gustave. *Histoire de la Littérature Française*. Paris, Hachette, 1959.